

Regional

FAZENDEIRO LINHA-DURA NO NORTE

Coronel construiu até fortaleza

O fazendeiro Jackson Mendonça, que viveu na década de 60 em Pinheiros, enfrentou políticos e colocou medo até na polícia

Fabio Segantini
PINHEIROS

O fazendeiro Jason Nascimento de Mendonça, que ficou conhecido como Jackson Mendonça, foi um coronel linha-dura que viveu na década de 60, em Pinheiros, Norte do Estado, e colocou medo até na polícia da cidade, acumulando inimigos que fizeram dele um mito na região.

Para se proteger dos inimigos,

ele chegou a investir na construção de uma fortaleza, com passagens secretas e subterrâneas, e suas ruínas ajudam a manter as histórias na memória dos moradores.

Nascido em Sergipe e naturalizado baiano, Jackson chegou em terras capixabas no início da década de 50, onde construiu às margens do Rio do Sul uma cabana de madeira e fez fortuna, construindo um império de terras.

Ele conquistou o respeito de moradores da cidade com o jeito sério e duro, em cima de seu cavalo Bandido e com sua capa preta.

Assim como fez fama, o coronel fez inimigos quando passou a defender 200 famílias na região, que estavam sendo ameaçadas de despejo para a entrada de uma empresa de exploração de madeira.

“Ao defender as famílias, contratando advogados para não deixar a empresa se instalar na região, muitos poderosos começaram a criar calúnias sobre meu pai, o que acabou gerando uma fama de coronel linha-dura. Na verdade, o que ele fez foi defender as pessoas da injustiça”, afirma a filha Ieda Evangelista do Nascimento, 57 anos.

Ieda conta que, após o início das brigas em defesa das terras, policiais, políticos e empresários poderosos começaram a persegui-lo.

“Meu pai escreveu uma carta para o presidente pedindo pelas famílias e o governador teve que desocupar tudo em 24 horas, foi quando começou a perseguição que durou mais de 10 anos, enfrentando policiais e delegados”.



JACKSON e o seu cavalo Bandido

TENTATIVAS DE PRENDER O CORONEL

Amarrados e entregues na porta de delegacia

Em uma das inúmeras tentativas de retirar pequenos agricultores de suas terras em Pinheiros, policiais teriam agredido as pessoas. Segundo a filha, isso causava revolta no coronel, que protegia os moradores e era contra a arbitrariedade da polícia.

Em função disso, ele teria amarrado dois policiais, colocado na caçamba de sua caminhonete e entregue na porta da delegacia de Conceição da Barra, como sinal de que não aceitaria agressões com seus amigos.

Policiais expulsos com facões

Mais de 30 policiais foram até a casa de Jackson Mendonça para prendê-lo. Quando apontaram as armas para o fazendeiro, ele disse que aquele poderia ser o último dia deles.

Ao olharem para trás, os PMs viram que os donos de terras estavam armados com facões para defender o coronel e desistiram de prendê-lo.

Delegado dá voz de prisão em barbearia

Na tentativa de prender o coronel Jackson Mendonça, um delegado descobriu que ele estava em uma barbearia, em São Mateus.

Com o rosto cheio de creme de barbear, Jackson recebeu o delegado, que imediatamente lhe deu voz de prisão. O coronel mostrou-lhe o facão e disse que sairia dali sim, mas os dois mortos.

Com medo, o delegado teria pedido desculpas e ido embora, dizendo que não queria problema com o coronel.



IEDA EVANGELISTA nas proximidades do Rio do Sul, em Pinheiros, onde o pai fez fortuna e muitos inimigos

Filha quer mudar a imagem do pai

Para tentar mudar a imagem de grileiro e de homem perigoso na região, criada em torno do nome do coronel Jackson Mendonça, sua filha Ieda Evangelista Nascimento está recolhendo materiais para escrever a biografia do pai, ainda sem data para conclusão.

Entre as histórias que ela pretende contar no livro, estão as inúmeras tentativas de emboscadas sofridas pelo pai, o enfrentamento à polícia e ao governo que tentou retirar as famílias da cidade de Pinheiros para a instalação de uma empresa de exploração de madeira.

“Eu estava em Londres quando

comecei a pensar nestas histórias e escrevi alguns casos. Conforme eu escrevia, percebia que muito do que falavam de meu pai era inverdade, então quero escrever algo que venha a contar quem foi de fa-

“É uma tentativa de sanar as calúnias que meu pai sofreu. Ele era uma pessoa boa, que enfrentou a Justiça para defender os indefesos”

Ieda Evangelista, filha do coronel

to Jackson Mendonça”, afirmou.

“É uma tentativa de sanar as calúnias que meu pai sofreu ao longo de anos. Ele era uma pessoa boa, que enfrentou a Justiça e os policiais para defender os interesses dos indefesos da época”, disse.

Para o secretário de Cultura de Pinheiros, Paulo Jovânio, resgatar esta história será um incentivo à cultura e ao turismo na região.

“Jackson Mendonça se tornou uma lenda na região. Quase todos ouviram falar neste personagem e com esta iniciativa pode aumentar a procura pelo local, fomentando o turismo e a cultura da cidade”, defendeu o secretário.

Casarão para se proteger

Para fugir das emboscadas de políticos, policiais e autoridades da época, Jackson Mendonça começou a construir na sede de sua fazenda em Pinheiros uma verdadeira fortaleza para se defender.

A casa não chegou a ser finalizada, porque o coronel mudou-se com a família para o Pará. Mas ela teria pelo menos 20 quartos e contava com passagens subterrâneas.

“Além dos quartos, passagens secretas e porões com diversas saídas foram preparados para nos dar segurança”, disse a filha, Ieda Evangelista Nascimento.

O medo fez com que o coronel se refugiasse com a família em Belém. “Mas as perseguições continuaram. Em 1977, ele foi atropelado e morto, e acreditamos que tenha sido culpa dos inimigos dele”.

EDILSON DE OLIVEIRA SOUZA



RUÍNAS DE FORTALEZA, que teria pelo menos 20 quartos e passagens secretas subterrâneas

Família tem medo até hoje de inimigos do fazendeiro

Com tantos inimigos acumulados ao longo de anos no Espírito Santo e no Pará, o coronel Jackson Mendonça deixou de herança para os filhos o medo de seus inimigos.

A filha Ieda Evangelista Nascimento, 57, disse que até hoje vive o drama da perseguição, mesmo o pai tendo morrido há 35 anos.

“Foram anos difíceis. Queriam a orelha do meu pai em uma bandeja e, mesmo saindo do Espírito Santo, a nossa família tem medo dessas pessoas”, disse.

Quando morou no exterior, Ieda disse que também foi perseguida. “Até nas ruas da Inglaterra via pessoas me seguindo. Fiquei com medo e pedi ajuda na embaixada, que me deu proteção. Meus irmãos até hoje também sentem este medo”.